

**Ana Paula Santana**  
**Rita Signor**  
**Ana Paula Couceiro Figueira**  
(orgs.)

# Avaliação multimodal da compreensão da linguagem

**Múltiplas abordagens**

*AVALIAÇÃO MULTIMODAL DA COMPREENSÃO DA LINGUAGEM*

*Múltiplas abordagens*

Copyright © 2025 by autores

Direitos desta edição adquiridos por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Edição: **Janaína Marcoantonio**

Revisão: **Mariana Di Marcantonio**

Capa: **Alberto Mateus**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Natalia Aranda**

## **Plexus Editora**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 — 7ª andar

05006-000 — São Paulo — SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.plexus.com.br>

e-mail: [plexus@plexus.com.br](mailto:plexus@plexus.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

Apresentação . . . . .	.7
1. A compreensão responsiva: reflexões a partir da tridimensionalidade da linguagem . . . . .	15
<i>Ana Paula Santana, Rita Signor e Ana Paula Berberian</i>	
2. Avaliação da compreensão da fala na perspectiva cognitiva. . . . .	31
<i>Mailce Borges Mota</i>	
3. Transtorno de processamento auditivo <i>versus</i> dificuldade de compreensão: considerações a partir da neurolinguística discursiva . . . . .	53
<i>Rita Signor</i>	
4. Compreensão multimodal em bebês: aspectos avaliativos. . . . .	79
<i>Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Ivonaldo Leidson Barbosa Lima e Laís Cavalcanti de Almeida</i>	
5. Avaliação do desenvolvimento da compreensão da linguagem de crianças de 1 a 6 anos . . . . .	103
<i>Maria Lucia N. Menezes e Maria Luciana S. Mayrink</i>	
6. Avaliação da compreensão oral na comunicação alternativa . . . . .	119
<i>Maria de Jesus Gonçalves e Débora Deliberato</i>	

7. “Pode ir do meu jeito?”: avaliação da compreensão da narrativa infantil . . . . . 139  
*Ana Paula Santana e Sandra Maia-Vasconcelos*
8. Avaliação da compreensão de metáforas e linguagem figurada . . . . . 161  
*Ana Paula Couceiro Figueira*
9. Como avaliar a compreensão de linguagem da pessoa idosa sem compreendê-la? . . . . . 181  
*Marcus Vinicius Borges Oliveira, Thalita Cristina Souza Cruz e Larissa Picinato Mazuchelli*
10. Avaliação da compreensão e da proficiência no nível sintático da Libras . . . . . 203  
*Felipe Venâncio Barbosa e Marco Antonio Teixeira Junior*
11. Relações entre a compreensão oral e a compreensão leitora . . . . . 223  
*Jaime Zorzi*

# Apresentação

**A linguagem é objeto** de interesse das mais diversas áreas: linguística, educação, psicologia, fonoaudiologia, medicina, neurociências, saúde coletiva, artes e música, dentre tantas outras. Falar e compreender, pode-se dizer, são dois lados da mesma moeda: a linguagem; uma moeda que, inclusive, pode ter maior ou menor valor, o que se verifica ao considerarmos as variedades linguísticas de algumas comunidades e a língua de sinais, por exemplo.

O fato é que todo ser humano deseja falar e ser compreendido. Por isso mesmo, a compreensão não está relacionada apenas à ciência, mas também a uma posição ética, como pode ser vislumbrado no discurso de São Francisco: “Fazei com que eu procure mais compreender que ser compreendido”. A questão, nesse caso, se volta mais para uma postura serena de entendimento das atitudes e da postura do outro, para que se exerça a empatia e se cultive a paz por meio da benevolência. A compreensão está também na base das missões de pacificação, já que muitas violências decorrem da incapacidade das pessoas de compreender e de se fazer compreender.

No campo dos estudos da linguagem, o tema “compreensão” é considerado um fenômeno complexo que ainda apresenta muitas questões em aberto: como construímos o sentido para as nossas interações? Como significamos o mundo? Qual é o papel das diferentes modalidades de linguagem na compreensão? Compreender é construir sentidos? A compreensão oral, para os ouvintes, estaria relacionada apenas com a fala? De que forma a modalidade gestual contribui para a construção de

sentidos? Aliás, a que atribuímos sentidos? A significação está relacionada à cultura? Quando podemos realmente ter certeza de que o outro nos compreendeu? Por que há tantas dificuldades de compreensão entre as pessoas, inclusive da mesma família? A compreensão da língua de sinais envolve os mesmos processos que a compreensão da língua na modalidade oral? De que modo os gestos visuais, os gestos corporais, os gestos manuais, as expressões faciais e a entonação vocal integram o processo da compreensão? De que maneira se tem avaliado esse processo em toda a sua (in)completude? Por que esses temas são tão pouco estudados no campo da clínica da linguagem?

No que diz respeito à compreensão leitora, é preciso que esta seja contemplada tendo em vista as outras dimensões da linguagem. Na inter-relação com a compreensão, de maneira geral, observa-se que dificuldades na modalidade oral da língua têm reflexos na modalidade escrita. A literatura chama a atenção para os *poor comprehenders* — pessoas que, por terem dificuldade na compreensão oral, acabam tendo dificuldade na compreensão leitora também. A dificuldade de leitura, nesse caso, estaria presente mesmo havendo fluência e acurácia. Ou seja, embora a capacidade de decodificar ocorra sem qualquer problema, há dificuldade de compreender o que se lê. Por conta de pesquisas que relacionam as duas modalidades da língua, recomenda-se, sobretudo nas diretrizes educacionais de vários países (como Austrália e Inglaterra), que se trabalhe a compreensão na etapa da educação infantil. Com a finalidade de desenvolver competências nesse campo, sugere-se a leitura dialogada de histórias infantis, entre outras estratégias, visando prevenir dificuldades na compreensão leitora no decorrer da escolarização.

Embora as dificuldades de compreensão leitora possam ter origens e causas variadas — entre elas, falta de conhecimento de mundo, baixa prática de leitura e pouca familiaridade com o gê-

nero ou mesmo discrepância entre o nível de leitura e o nível de complexidade do texto e do tópico em discussão —, sabemos que existem pessoas que apresentam dificuldades em torno da linguagem que são consideradas persistentes. Ou seja, embora estejam imersas em condições extrínsecas adequadas, apresentam desafios intransponíveis sem algum grau de assistência/suporte.

Existem muitos trabalhos sobre a compreensão leitora, mas há uma lacuna de trabalhos voltados para a compreensão multimodal, que enfatizamos neste livro. Essa lacuna ocorre, possivelmente, pelo fato de que as dificuldades de compreensão são mais percebidas quando têm causa biológica e, não raras vezes, são acompanhadas de um discurso biologizante: *ele não compreende porque não escuta, ele não compreende porque é autista, ele não compreende porque tem uma síndrome, ele não compreende porque não pode falar, ele não compreende porque é idoso, ele não compreende porque é afásico, ele não compreende porque não enxerga.*

As dificuldades de compreensão são prioritariamente avaliadas a partir da oralidade, como se outras semioses não fizessem parte desse processo de significação. Além disso, essas dificuldades, quando não são severas, são difíceis de identificar e, às vezes, passam despercebidas por pais e professores. Uma criança pode conseguir narrar uma história que ouviu, mas nem sempre é capaz de responder a perguntas que envolvem inferências mais elaboradas. Uma pessoa pode ter dificuldade de compreender uma expressão facial, um tom sarcástico e irônico, ou, ainda, piadas; seja por questões que envolvem aspectos de inserção na cultura e intimidade com o gênero, como no caso das piadas, seja por uma questão constitutiva. Também podemos encontrar pessoas que, embora sejam falantes de uma mesma língua, têm dificuldade para se comunicar por não estarem habituadas com a velocidade de fala ou com expressões que são

próprias de determinados grupos. Entretanto, nesse caso específico das variedades distintas, é possível que a dificuldade se dê de modo mais acentuado, levando a crer que talvez não se restrinja ao fator cultural. Isso significa que a compreensão é um processo complexo que integra vários aspectos linguístico-cognitivos, de modo que qualquer alteração inesperada nesse processo pode ser facilmente “camuflada” por um problema de memória, de atenção, de conhecimento de mundo, de função executiva, de abstração, de motivação, de interesse, de idade ou de práticas sociais, entre outros.

No campo da infância, ninguém duvida de que a compreensão precede a expressão. Embora a compreensão nem sempre apareça como destaque, ela acompanha relatos de pais de crianças que não falam: “Ele entende tudo, só não fala”. Embora esse “tudo” possa ter múltiplos significados — “boa cognição”, “boa audição”, “boa capacidade de interação” —, apontando para um atraso de fala, ele também pode apontar para uma dimensão mais ampla, relacionada a uma dificuldade mais severa e persistente. Nessa situação, é preciso considerar que os relatos dos pais (ou mesmo as testagens na clínica) estão sobremaneira perpassados pela possibilidade de a criança responder a comandos. Vê-se, assim, que a compreensão no contexto familiar, educacional e clínico é frequentemente tomada de forma restrita, até porque, no Brasil, faltam instrumentos e abordagens de apoio para que se pense sobre esse fenômeno e para que se avaliem e se criem estratégias para o desenvolvimento dessa competência de linguagem.

Quanto ao ciclo do envelhecimento, as dificuldades de compreensão são frequentemente atribuídas a problemas de audição (presbiacusia) e de cognição (memória, atenção), muitas vezes vinculadas apenas à oralidade, inclusive de forma preconceituosa. Parece que, no caso dos adultos, a modalidade gestual-visual deixa de ser concebida como uma constituinte da



interação, como ocorre no processo de aquisição da linguagem quando a criança gesticula. O interlocutor de um idoso que tem algumas dificuldades auditivas geralmente não se interessa pela efetividade da sua compreensão a ponto de falar um pouco mais lento, de ficar de frente para o idoso utilizando sua gestualidade (expressão facial, manual, visual) para se fazer compreender. Há inclusive um desconhecimento do papel do falante na compreensão, como se toda a atividade de compreender coubesse ao ouvinte/interlocutor e, ainda, como se toda a compreensão devesse ser oral. E isso não ocorre nem mesmo na idade adulta. Sobre esse aspecto, o psicólogo Albert Mehrabian, já na década de 1950, afirmava que a compreensão, durante o ato comunicativo, depende menos de palavras faladas e mais do tom e da linguagem corporal.

Se a expressão pode afetar níveis linguísticos — por exemplo, a fonologia, a sintaxe e a semântica —, com a compreensão seria diferente? Se levarmos em conta que a compreensão é constituída de múltiplas dimensões, seria possível ter dificuldades em alguma dimensão específica? Por exemplo, algumas pessoas parecem ter dificuldade de compreender ironia, sarcasmo, piadas, metáforas. Outras parecem ter mais dificuldade com sentenças estruturalmente complexas, como observado em pessoas com transtorno do desenvolvimento da linguagem (TDL). Nesse sentido, atentando para o todo do enunciado, podemos perguntar ainda se algumas pessoas poderiam ter dificuldade de compreender expressões faciais e gestos. O que precisa estar claro é que, embora existam testes propostos — por exemplo, pela teoria da mente — para tentar entender como uma pessoa prevê o estado mental da outra ao interagir, dificilmente esses testes dão conta do complexo multifacetado da compreensão.

A compreensão da língua de sinais, por sua vez, também tem sido pouco estudada. Muitos leigos acreditam que, por ser

esta uma língua gestual-visual, as pessoas surdas poderiam compreendê-la de maneira quase automática. Contudo, a língua de sinais, como qualquer outra, requer interação, práticas significativas e falantes proficientes para que possa ser adquirida e, logo, compreendida.

Em suma, compreender a linguagem implica considerar contornos multimodais e multissemióticos, que ainda são pouco lembrados. Os gestos (manuais, corporais, visuais), as expressões faciais, as vocalizações, a entonação são prenes de sentidos e merecem ser estudados. E, longe de ser “acompanhantes da fala”, os gestos, na aquisição de linguagem (oral e de sinais), desempenham uma função muito importante para a comunicação discursiva. Aliás, os gestos acompanham a fala em todos os ciclos da vida do sujeito, legitimando a teoria do psicolinguista Glenn David McNeill de que eles pertencem à mesma matriz de significação.

Nesse contexto, vale trazer ainda a linguagem visual, composta de gravuras (desenhos, pinturas, fotos) e, atualmente, vídeos que refletem a realidade de diferentes olhares. Se tomarmos, por exemplo, as gravuras da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), reconhecemos seu lugar de destaque na mediação entre sujeitos que apresentam dificuldades linguísticas, com restrição da oralidade. Essas gravuras podem funcionar como enunciados que também precisam ser compreendidos pelos interlocutores — afinal, a linguagem busca a significação, seja no olhar, seja no gesto, seja numa imagem, seja num tom de voz, seja em gravuras.

Esta coletânea, ao contemplar a multimodalidade inerente à linguagem, a partir de diversas perspectivas, apresenta um debate voltado para a área de estudos da compreensão. No contexto clínico, Brasil e Portugal carecem de propostas para avaliar a compreensão na língua portuguesa, nas variedades brasileira e

européia, nas diferentes fases da vida. Como sabemos, os instrumentos avaliativos disponíveis apresentam lacunas na medida em que permitem acessar a compreensão apenas de forma superficial e compartimentada. Tais instrumentos, ao se centrarem em testes padronizados — que buscam tão somente a “fal-ta” —, não dão conta das múltiplas possibilidades envolvidas na compreensão. É desse lugar, que pretende ampliar o olhar para um fenômeno que se situa no campo da (inter)compreensão, que convidamos o leitor a dialogar conosco.

*Ana Paula Santana*

*Rita Signor*

*Ana Paula Couceiro Figueira*

# 1. A compreensão responsiva: reflexões a partir da tridimensionalidade da linguagem

*Ana Paula Santana*

*Rita Signor*

*Ana Paula Berberian*

**Podemos acompanhar diversas abordagens** teórico-práticas, implementadas por profissionais que atuam nos campos da saúde e da educação, em torno do fenômeno denominado “compreensão”. Essas abordagens, atreladas a conceituações distintas acerca da linguagem, orientam práticas clínicas e/ou educacionais junto a pessoas em diferentes fases da vida, com ou sem problemas, dificuldades ou limitações.

Digamos que há consenso, entre profissionais que atuam nos referidos campos, de que a compreensão impacta de maneira decisiva a qualidade das interações interpessoais e, portanto, as várias esferas de atividade humana. São escassos os estudos e pesquisas comprometidos com a análise de conceituações formuladas acerca da compreensão e de suas implicações nas práticas de vida.

A despeito da diversidade de modelos teóricos sobre compreensão, neste capítulo abordaremos os princípios que fundamentam uma conceituação desse fenômeno a partir de uma perspectiva social e histórica, em especial, com base no pensamento bakhtiniano. Isso porque as formulações de Bakhtin, comprometidas com o estudo da linguagem, permitem apreender a complexidade envolvida na compreensão tendo como

elementos centrais o estabelecimento das interações sociais e a constituição dos sujeitos.

### **Noções fundamentais na teoria dialógica bakhtiniana**

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) foi um pensador importante para a formulação de princípios e teorias acerca da linguagem humana. Suas ideias exerceram forte influência no cenário mundial. Em torno desse filósofo e crítico literário, foi criado o Círculo de Bakhtin, um grupo que incluía Pavel Medvedev e Valentin Volóchinov, entre outros intelectuais influentes na União Soviética que compartilhavam interesses em linguagem, semiótica, filosofia e literatura (Sobral, 2008).

Teorizações e ideias formuladas pelo Círculo de Bakhtin em torno de vários conceitos utilizados nos contextos da saúde e da educação contemporâneas têm embasado diretrizes tanto clínicas quanto educacionais. Esses conceitos (ato, autor, autoria, enunciado, enunciação, signo, estilo, gênero discursivo, ideologia, polifonia, dialogismo, significação, cronotopo, entre outros) permeiam todas as atividades da linguagem.

Neste capítulo, não caberia discorrer sobre a vasta teoria do Círculo; entretanto, as noções de palavra, enunciado, diálogo, signo e ideologia são a base de sustentação de todo o arcabouço teórico do pensamento bakhtiniano e, por essa razão, serão brevemente apresentadas, relacionadas com o conceito de compreensão responsiva.

Signo e ideologia são elementos importantes que perpassam a teoria da linguagem de Bakhtin e Volóchinov (2006). A fim de entender o que esses conceitos representam, o autor dá um exemplo remetendo a um pedaço de pão. O pão nada mais é do que uma mistura de trigo, sal, fermento e água que, quando assada, é usada como fonte de alimento. Mas, em uma celebração católica, o pão, ao representar o corpo de Cristo, ultrapassa